

18

NÚMERO 1



REVISTA
**DIALOGO E
INTERAÇÃO**

ISSN 1275-3687



FACCREI

O DIÁLOGO CRIANÇA-ADULTO NA RELAÇÃO LÍNGUA E CULTURA

THE CHILD-ADULT DIALOGUE IN THE RELATIONSHIP BETWEEN LANGUAGE AND CULTURE

Marlete Sandra Diedrich*

Pamela Caroline Banaletti**

320

RESUMO: O tema deste artigo é o diálogo criança-adulto e a relação língua-cultura no fenômeno de aquisição da língua. O objetivo é analisar como se dá o diálogo criança-adulto e a relação língua-cultura na aquisição. Para tanto, a reflexão se apoia na proposta enunciativa aquisicional de Silva (2007, 2009), a qual representa um deslocamento da teoria enunciativa de Émile Benveniste para pensar o tema da aquisição. A metodologia se volta para a análise ilustrativa de dois recortes enunciativos de uma criança, com idade de 3 a 5 anos, os quais constituem o acervo do grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem (NALíngua). A mobilização dos fundamentos teóricos e a análise dos dados permitem afirmar que a interação social da criança com o adulto é de extrema importância para a aquisição da língua da criança, pois o mundo cultural da criança vai se renovando a cada ato enunciativo em que ela atualiza formas e sentidos da língua no discurso, em novas relações com o outro, com o adulto.

PALAVRAS - CHAVE: Aquisição da Língua. Fala. Comunicação. Enunciação.

ABSTRACT: The theme of this article is the child-adult dialogue and the language-culture relationship in the phenomenon of language acquisition. The objective is to analyze how the child-adult dialogue takes place and the language-culture relationship in the phenomenon of language acquisition. Therefore, the reflection is based on Silva's (2007, 2009) enunciative acquisition proposal, which represents a shift from Émile Benveniste's enunciative theory. The methodology turns to the illustrative analysis of two enunciative excerpts of a child aged 3 to 5 years a boy named as G, and is part of the collection of the research group of the Núcleo de Studies in Language Acquisition (NALíngua). The mobilization of theoretical foundations and data analysis allow us to state that the social interaction of the child with the adult is extremely important for the acquisition of the child's language, as the child's cultural world is renewed with each enunciative act in which it updates forms and meanings of language in the speech, in new relationships with the other, with the adult.

* Professora e pesquisadora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – RS.

** Graduada em Letras – Português e Inglês pela Universidade de Passo Fundo – RS.

KEYWORDS: Language Acquisition. Speaks. Communication. Enunciation.

1. Considerações iniciais

O presente artigo tem como tema *o diálogo criança-adulto e a relação língua-cultura no fenômeno de aquisição da língua*. O objetivo da proposta é analisar de que forma se dá o diálogo *criança-adulto e a relação língua-cultura no fenômeno de aquisição*, levando em consideração a importância da interação social para a linguagem da criança, desde os primeiros dias de vida, visto que os pais são, em geral, as pessoas adultas que mais convivem com a criança desde seu nascimento, e têm papel fundamental para a história de enunciações da criança.

Os primeiros anos da aquisição da língua representam etapa importante da infância e da constituição do sujeito, por isso buscamos entender de que forma isso ocorre para compreender a linguagem humana de modo geral. Partimos da ideia de Flores (2019), segundo a qual a criança vive a passagem à condição de falante adquirindo uma língua. Essa ideia se pauta na concepção benvenistiana (BENVENISTE, 1989, p. 24) de que “toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura”, afinal, “o que a criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual ela vive na realidade, que a linguagem lhe dá e sobre a qual ela aprende a agir” (1989, p. 24). Além disso, existem muitas questões acerca do papel do pai e da mãe, adultos, portanto, e suas influências na aquisição da linguagem da criança, essa é uma forma de entender melhor de que forma esse processo acontece e como é importante essa relação/interação com as crianças desde o nascimento. O artigo se pauta em pesquisas advindas, principalmente, dos estudos enunciativos de Benveniste (1976, 1989) mostrando o papel das pessoas do discurso: o *eu* e o *tu*, implicados na relação discursiva que caracteriza a enunciação da criança e na perspectiva enunciativa aquisicional de Silva (2007, 2009), a qual explica a trajetória da criança na língua através de um dispositivo enunciativo, o dispositivo trinitário (*eu-tu/ele*)-*ELE*.

Com base nisso, buscamos responder à seguinte questão: De que forma se constituem o *diálogo criança-adulto* e a *relação língua-cultura na aquisição de uma língua pela criança*? O trabalho de análise tem enfoque em dados de enunciações faladas de uma criança com idade de 3 a 5 anos. Esses dados fazem parte do acervo do grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem, (NALingua). A criança é acompanhada pelos pesquisadores do grupo desde os primeiros meses de vida. Esses dados apresentam uma ampla variedade de situações que possibilitam a análise da manifestação de linguagem da criança com o pai, com a mãe, e em diversos contextos.

O presente artigo se organiza em seções. Primeiramente apresentamos as considerações iniciais da pesquisa, objetivos, de que forma ela se justifica e sua metodologia; na segunda seção, teorizamos sobre a trajetória de aquisição da língua pela criança na perspectiva enunciativa aquisicional proposta por Silva (2007, 2009) e explicada através do dispositivo trinitário (*eu-tu/ele*)-*ELE*. Na terceira seção, apresentamos a análise dos dados enunciativos, levando-se em consideração os princípios teórico-metodológicos da teoria enunciativa aquisicional; para finalizar, tecemos as considerações finais.

2. Principais conceitos

A linguagem “representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar” (BENVENISTE, 1976, p. 37), ela é o que permite a sociedade e a cultura. Para a criança, é a realização do vir a ser falante. O papel dos pais e do ambiente em que a criança vive influenciam e são muito importantes nessa trajetória. Segundo Benveniste (1976), a língua e a sociedade não existem uma sem a outra, são constitutivas e tanto uma como a outra são aprendidas pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato, pois “a criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens”. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra (BENVENISTE, 1976, p. 40). Esse uso não ocorre de qualquer forma. Os estudos registram um modo muito particular que os pais e adultos em geral, em algumas culturas, assumem ao mobilizarem a língua em relação à

criança pequena. Os pais utilizam uma fala ajustada ao nível de compreensão e interesse da criança, estruturas sintáticas diferentes de uma conversa de adultos, por exemplo. Esse modo de fala particular, que a mãe e o pai têm com o bebê, é chamado de “motherese”, ou, como conhecemos, o manhês. As mães, geralmente, fazem modificações na fala que dirigem aos seus bebês, essas modificações atraem a atenção, presentifica-se um tom de fala mais melódico, com diminutivos, muitas vezes. Há, portanto, um uso singular da língua nesta interação. Segundo Ferreira (2003, p. 24):

o fundamento para a criação do diálogo mãe-bebê é a crença (desejo) da mãe de que as manifestações do bebê, quaisquer que sejam – choro, grito, movimentos, ações e reações corporais, vocalizações, sorrisos, olhar – têm um destinatário (ela mesma) e um sentido (atribuído por ela).

Essa relação entre o adulto e a criança é de extrema importância para a criança se instaurar em uma língua e assumir seu lugar de dizer nesta língua, levando em conta sua cultura, sua relação com o meio social em que vive. Por isso Benveniste (1989) propõe que olhemos para a língua no discurso, ou seja, a língua posta em ação por um ato de apropriação, o que acontece via enunciação. É por meio da língua que o homem se constitui sujeito do discurso, o locutor se apropria da língua e dela faz uso, “isso é o que faz com que a língua seja um sistema em que nada signifique em si e por vocação natural, mas em que tudo signifique em função do conjunto” (BENVENISTE, 1976, p. 34). Segundo esta concepção, a língua é reatualizada sempre por um falante, cada forma tem sentido renovado no ato da enunciação, mesmo que ela possa ser repetida, será sempre outra enunciação, pois “a língua é o domínio do sentido” (BENVENISTE, 1989, p. 25), ela jamais estará separada da cultura. Já linguagem é a possibilidade de língua, “representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar” (BENVENISTE, 1976, p. 27) e é através da linguagem que o homem manifesta o simbolismo cultural em que se encontra imerso, a cada ato de apropriação da língua no discurso.

É no exercício da faculdade de simbolizar, a linguagem, que o homem se torna um ser social, essa capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver

e compreender a língua e outras manifestações só é possível em função da faculdade da linguagem, a qual se realiza numa dada língua que a criança, desde cedo, internaliza e que está sempre no seio da sociedade. É nessa língua que a criança vivencia suas primeiras formas de socialização e que lhe chega em eventos de discursos, por meio dos quais ela se torna falante, “o despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo da sociedade” (BENVENISTE, 1976, p. 37). Para o autor, a linguagem é da natureza do ser humano e não simplesmente uma ferramenta criada por ele, podemos entendê-la como um mecanismo natural, particular do homem, que o torna único, é uma faculdade simbólica com a função de significar, através de signos convencionais e que lhe possibilita expressar-se numa língua mobilizada no discurso.

Refletindo sobre isso, pensamos na enunciação, no ato individual de utilização da língua pelo falante levando em consideração sempre o emprego da língua. A enunciação, desse modo, é concebida como um movimento vivo da língua e de seus sujeitos, que se realiza nas situações concretas de comunicação: “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Com base no que afirma Benveniste, podemos entender a enunciação como um ato individual no qual o falante utiliza a língua para produzir um enunciado num dado contexto comunicativo, é a utilização do aparelho da língua que, mobilizado, constitui o aparelho da enunciação. “O que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 1989, p. 87). Essa relação determina a estrutura do quadro figurativo da enunciação, que é o diálogo, o qual envolve obrigatoriamente um *eu* e um *tu*. Os dois participantes vão alternando as funções, e então se caracterizam como parceiros e protagonistas na situação de enunciação. É esse quadro que permite a intersubjetividade, a troca entre *eu* e *tu*. A enunciação se realiza em uma circunstância em que o locutor utiliza a língua para se relacionar com o mundo, relação que possibilita a referência estabelecida pelo discurso. No ato de enunciação, o locutor se apropria da língua e somente dessa maneira é possível enunciar “sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, 1989. p.84). Na fala, o

locutor está em relação constante com sua própria enunciação através de formas específicas, é possível compreender que a enunciação é responsável pela existência de certa classe de signos que dependem do uso da língua, conforme afirma Benveniste (1989, p. 86):

Além das formas que comanda, a enunciação fornece as condições necessárias às grandes funções sintáticas. Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É, em primeiro lugar, a interrogação, que é uma enunciação construída para suscitar uma “resposta”, por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada. Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, sequência, entonação, etc., derivam deste aspecto da enunciação.

As formas da língua, assim, assumem no uso a sua particularidade. A partir dessas relações discursivas, Silva (2007, 2009) explica a importância da relação da criança com o outro no processo de aquisição da linguagem. A autora concebe a aquisição da linguagem como um ato de enunciação formalizado por um dispositivo enunciativo, o qual permite a instauração da criança na linguagem. A aquisição da linguagem, nessa abordagem, é discutida a partir do dispositivo trinitário (*eu-tu/ele*) - *ELE*, o qual comporta (*eu*), que é a criança; (*tu*), que é o outro de seu convívio; (*ele*), a língua na qual se instaura, é a não pessoa; e (*ELE*), a cultura em que está imersa, uma relação externa. Vemos nesse dispositivo enunciativo, *eu-tu/ele*, o ele como o simbólico da língua e mais um *ELE*, que está ausente no discurso, que faz parte da instância da cultura. Nesse caso, duas alteridades são concebidas, a do *tu* (outro) e a do *ELE* (outro), dessa forma percebe-se que “o dispositivo enunciativo (*eu-tu/ele*)-*ELE* possibilitou-nos tratar de um sujeito de aquisição da linguagem como aquele marcado no discurso, e anunciar a possibilidade de considerarmos, nesses traços de atividade do locutor, o sujeito que se enuncia” (SILVA, 2007, p. 259), percebemos a partir desse dispositivo enunciativo que a criança se reconhece como locutor, reconhecimento do outro como alocutário e da língua como possibilidade de atualização no discurso, há a concepção de duas alteridades, a do *tu* que presente na instância do discurso e a do *ELE*, a cultura que está de certa forma ausente, pois ela não está na linearidade do discurso, mas faz parte dele, possibilita a formação do

sujeito da enunciação, também da aquisição da linguagem e a passagem da intersubjetividade para a subjetividade na linguagem. Nessa relação trinitária, a criança faz o uso de variadas formas e mecanismos da língua para produzir referências no discurso, “para isso, vale-se de diferentes formas e mecanismos da língua, como integrante da cultura, para enunciar a sua posição de locutor na enunciação e produzir referências no discurso.” (SILVA, 2007, p. 206).

Esse dispositivo enunciativo está disponível para todo sujeito, garantindo a conversão da língua em discurso. Convocar a criança a se inserir na enunciação é tomar suas formas enunciativas como um dizer, permitindo que se constitua como um sujeito de alocação para percorrer uma trajetória para encontrar a língua, enquanto laço social. E isso é um dado cultural, há um *ELE* que permite ao adulto compor essa relação *eu-tu* que possibilita o preenchimento do lugar enunciativo pela criança, “às referências produzidas na língua-discurso por *eu* e por *tu*, encontramos a intersubjetividade centrada na condição de homem como sujeito de cultura e, por isso, o *ELE*, como constitutivo da relação (SILVA, 2007).

Além do dispositivo teórico-metodológico, Silva (2007, 2009) descreve algumas operações enunciativas, que ajudam a explicar e entender melhor como funciona a relação das pessoas do discurso no processo de aquisição da linguagem da criança, são elas: relação de preenchimento de lugar enunciativo, relação de referência e relação de inscrição enunciativa da criança na língua-discurso. Na primeira operação enunciativa das relações diádicas *eu-tu* e *eu/tu* e o preenchimento de lugar na estrutura enunciativa, tem-se o *eu-tu* como conjunção, e a disjunção das pessoas *eu/tu* e do conjunto (*eu-tu*) em relação à pessoa *ele* com um (*/*). Aqui, *eu* e *tu* se encontram em conjunção pelo caráter de pessoa que se implica nos termos, o que estamos evidenciando pela relação de conjunção *eu-tu*. Então, essas pessoas são tratadas como disjunção pela marca de subjetividade presente em *eu* e ausente em *tu*, oposição que é demonstrada por *eu/tu*. A relação diádica de conjunção *eu-tu*, formada entre locutor e alocutário, configurada pela relação de pessoa, permite o preenchimento de lugar enunciativo pela criança, que está sempre na dependência do dizer do outro. Assim, o preenchimento de lugar na estrutura enunciativa se dá a partir do *tu*, na dependência do *tu*, em conjunção com o *tu* e simultaneamente em

disjunção com o *tu*. A relação *eu-tu*, caracterizada pelo traço de pessoa comum a *eu* e *tu*, contém a relação *eu/tu*, caracterizada pelo traço pessoa subjetiva de *eu* em oposição à pessoa não-subjetiva de *tu*. Nesse caso, o conjunto *eu-tu*, tem, pela temporalidade, a possibilidade de inversibilidade constante, já que *tu* pode inverter-se em *eu* e *eu* pode tornar-se *tu*. Através dessa inversibilidade, mesmo unidos pela marca de pessoa, *eu* e *tu* opõem-se, constituindo a disjunção *eu/tu*.

A segunda operação enunciativa é a semantização da língua e a construção da referência pela díade (*eu-tu*)/*ele*, aqui ocorre a distinção entre pessoa/não-pessoa, com a instalação da referência (*ele*) nas enunciações de *eu* e de *tu*. A criança vai estabelecer uma relação mundo-discurso e marca a sua entrada no simbólico da língua ao representar os referentes do mundo por palavras no discurso. Então o *ele*, a não-pessoa do discurso, aparece por meio das referências dêiticas do locutor que é a criança e das co-referências no discurso de seu alocutário que é o adulto, então as formas enunciativas produzidas pelo locutor se apoiam na situação de enunciação e nos sentidos atribuídos no discurso pelo alocutário, marcando a semantização da língua na sintagmatização do discurso, já que a criança irá produzir sentidos no seu dizer, que são transformados pelo alocutário através de formas da língua: “Assim, de um lado, temos, na enunciação, a representação das pessoas do discurso, através de *eu* e de *tu*, de outro lado, a representação da sintaxe da língua, através de *ele*” (SILVA, 2007, p. 164).

A terceira e última operação enunciativa é a relação trinitária *eu-tu/ele* e a inscrição subjetiva da criança na língua-discurso. Nessa operação enunciativa, os movimentos discursivos de invocação do *eu* irão se formar pelos mecanismos de marcação do sujeito enunciativo no discurso por meio do aparelho formal da enunciação.” Assim, a criança vive a enunciação e a ordem simbólica da língua, instaurando-se na linguagem. Nessa relação enunciativa, temos a inscrição daquele que fala na sua fala por meio de funções sintáticas e formas que irão colocá-lo em relação com o seu alocutário.

Na primeira operação, há o preenchimento do tempo e do espaço da enunciação pela criança, por meio da convocação do outro, na segunda, há a constituição da referência como necessária para a criança estar na linguagem com o

seu alocutário, já nesta terceira operação, se trata da constituição de sua inscrição como sujeito de linguagem, o discurso irá aparecer como um modo de ação, “o *e/le* (língua), enquanto o ausente das relações de co-presença de *eu* e de *tu*, representa a ausência, fundando o acesso de todo sujeito à simbolização.” (SILVA, 2007, p. 167) O importante aqui é o sujeito e a sua inscrição no discurso, por meio do aparelho de funções, ou por meio do aparelho de formas, em que se marca no discurso, a criança, ao inscrever o *eu* no discurso, parece constituir-se nessa estrutura enunciativa com o *tu* e com o *e/le*. Essa inscrição subjetiva na língua-discurso afeta a língua toda em seu funcionamento referencial e intersubjetivo, já que nesse funcionamento é o sujeito que se enuncia que faz escolhas sempre particulares para o próprio ato. Através dessas relações enunciativas, a criança se instaura na linguagem.

Percebe-se a imposição de que consideramos o diálogo como fenômeno que permite a apropriação da palavra pela criança a partir do que o outro irá dizer. Segundo Silva (2007, p. 202), *eu* e *tu* são vistos como

instâncias de funcionamento lingüístico-discursivo, uma vez que o modo como cada locutor se apropria da língua e instaura o alocutário no momento “presente” produz sentidos e referências, que vão se constituindo e se configurando em atos enunciativos posteriores.

O ato de fala é necessariamente um ato individual, subjetivo, no qual cada enunciado é novo e diferente do outro. A subjetividade é percebida materialmente num enunciado através de formas enunciativas¹ que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar. Toda vez que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando o pronome *tu* explicitamente ou não para se opor conjuntamente a *e/le*, uma experiência humana se instaura de novo e revela o instrumento lingüístico que a funda.

Quando alguém pronuncia esses pronomes, este alguém os assume e o pronome *eu* se transforma em uma denominação única e produz, a cada vez, uma nova pessoa. Além da referência a si mesmo, já a indicação da subjetividade também acontece através da indicação do tempo e do espaço: as formas temporais, como exemplo os tempos verbais, e também os índices de ostensão, como exemplo *este*,

¹ Na presente pesquisa não aprofundaremos esse aspecto, pois não é o foco da pesquisa.

aqui e etc. As categorias espaço e tempo, são dependentes da categoria de pessoa. Segundo Benveniste (1976, p. 286), a subjetividade é entendida como “a capacidade do locutor para se propor como sujeito”. Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”. (BENVENISTE, 1976, p. 286). A relação de subjetividade acontece quando a criança se propõe como “sujeito”, quando, ao mobilizar determinadas formas, a criança se expressa, para enunciar ao outro. Essa relação discursiva que tem obrigatoriamente um *eu* e um *tu* é o que caracteriza a enunciação. Percebemos assim que o diálogo é o lugar onde ocorre a apropriação da palavra pela criança, a partir do que ela escuta do outro, o *eu* e o *tu* são percebidos como parte do desempenho linguístico-discursivo, pois o “modo como cada locutor se apropria da língua e instaura o alocutário no momento “presente” produz sentidos e referências, que vão se constituindo e se configurando em atos enunciativos posteriores.” (SILVA, 2007, p. 202).

Aquele que fala faz ressurgir pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento, quem ouve, aprende primeiro o discurso, depois através desse discurso, o acontecimento reproduzido, dessa forma “a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva” (BENVENISTE, 1976, p. 36). O *eu* e o *tu* são sempre os parceiros e protagonistas da enunciação, criando uma relação de intersubjetividade entre as pessoas do enunciado, é a condição de intersubjetividade que irá tornar possível a comunicação linguística, nessa relação homem/homem, a criança ocupa uma posição intersubjetiva com o “outro”, pois o *eu* só poderá existir na presença do outro, um *tu*, que, nesse caso, é representado pela figura do adulto mais próximo do seu convívio, posição essa que é preenchida na maioria dos casos pelo pai ou pela mãe. O par *eu-tu* é necessário para a delimitação do *eu*, sendo assim, a intersubjetividade é elemento central na possibilidade de existência da subjetividade.

3. O universo linguístico do adulto

O ambiente linguístico do adulto é diferente, sob alguns aspectos, do da criança, que ainda está vivenciando a aquisição da linguagem. O adulto representa a língua já constituída, como sistema e como discurso, categorizando a vida, a natureza, e principalmente a cultura, permitindo as atividades simbólicas do homem, homem adulto. Esse adulto já está inserido em uma cultura, tem alguns seus costumes e aspectos linguísticos do meio social em que ele vive, adquirido também na interação com o outro, todos esses aspectos são transferidos e assimilados pela criança quando interage linguisticamente com o adulto mais próximo da sua convivência. São os pais que apresentam para a criança as histórias narradas, as narrativas míticas, os desenhos infantis, as músicas, ela aprende com o outro, o mundo.

A apropriação do sistema da língua se refere à integração do homem à cultura que o cerca, e que atribui à sua vida forma, sentido e conteúdo. A aquisição da linguagem é um ato social, porque a criança se instaura em uma língua atravessada pela cultura da sociedade em que é falada, mesma cultura e sociedade que seus pais, adultos, já fazem parte. Se a criança se apropria da língua para dela fazer um uso singular, ela também à herda, essa herança irá evidenciar o caráter cultural tanto da língua quanto da sociedade, pois as duas são dadas à criança, que forma o símbolo e constrói o objeto quando ela percebe que tudo tem um nome, inclusive ela própria, sendo essa descoberta o despertar da consciência do meio social em que vive e que, através da língua, constituirá sua individualidade no interior da coletividade, pois a criança na instância do discurso sempre está na dependência de um outro, constituindo-se como sujeito de aquisição como efeito de linguagem, “ela descobre as coisas pelo seu nome; descobre que tudo tem um nome e que aprender o nome lhe dá a disposição das coisas. Mas descobre também que ela mesma tem um nome e que por meio dele se comunica com os que a cercam” (BENVENISTE, 1976, p. 31), dessa maneira a criança percebe que vive em um meio social.

Dessa forma, o outro, que é o adulto, exerce um papel de parceiro conversacional da criança, beneficiado de um nível linguístico mais elevado que o da criança, propiciando a aproximação do nível potencial desta ao seu. As crianças

incorporam, durante o fenômeno de aquisição da linguagem, alguns aspectos da fala adulta a partir da interação entre os dois. Durante as situações de interação, é possível notar uma certa dependência da criança em relação à fala do adulto, ou seja, a criança desenvolve a sua enunciação a partir do enunciado anterior do adulto, A convocação do outro é que leva a criança a enunciar, mas a partir de um momento a criança passa da posição de convocada pelo adulto, para a posição de convocar.

Na sequência, buscaremos na análise dos dados enunciativos demonstrar de que forma se dá a aquisição da linguagem da criança na interação com o adulto mais próximo de seu convívio.

4. Analisando os dados enunciativos

A pesquisa se delimita como uma pesquisa de natureza aplicada e de caráter exploratório, pois visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele quanto a seus objetivos, bem como envolve pesquisa bibliográfica, quanto aos procedimentos técnicos, utiliza como fundamento metodológico a perspectiva enunciativa aquisicional de Silva (2007, 2009), com base nos estudos de Émile Benveniste (1976, 1989). Como esta pesquisa busca analisar e interpretar dados em específico, seguimos a delimitação sobre a abordagem qualitativa, segundo a qual “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuições de significados” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 128). A base exploratória da pesquisa está em vídeos e transcrições de enunciações faladas, constitutivas de um banco de dados naturalísticos. O enfoque da análise de dados recai sobre enunciações faladas de uma criança de 3 a 5 anos, um menino que será denominado aqui como G. Esses dados foram registrados preferencialmente em ambiente familiar, naturalístico, com a presença dos pais e fazem parte do acervo do grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem (NALíngua), registrado no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse conjunto de dados coletados desde o ano de 1996 passou a fazer parte do banco de dados do grupo NALíngua, em 2008. Esses dados começaram então a ser publicados em teses,

anais, capítulos de livros e artigos, pelos membros do grupo, concebendo um banco de dados que fica disponível e acessível à toda comunidade acadêmica, como explicam Del Ré, Hilário e Rodrigues (2016):

Diante disso, a proposta de constituição desse novo banco de dados pretende suprir essa carência que existe na área, uma vez que ele poderá beneficiar não apenas os trabalhos que são desenvolvidos pelos pesquisadores e estudantes dos grupos NALingua (e GEALin), mas os de outros pesquisadores do Brasil e de qualquer outro país do mundo que se interessarem em fazer estudos que envolvam o PB. (DEL RÉ, HILÁRIO, RODRIGUES, 2016, p.4)

Na análise dos dados investigados, destaca-se o trabalho de explicar a relação de subjetividade e intersubjetividade na relação discursiva que caracteriza a enunciação da criança, e o ato de enunciação realizado pelo dispositivo trinitário (*eu-tu/ele*) -*ELE*. É importante ressaltar que nas pesquisas de aquisição da linguagem o adulto é considerado como *tu*, pois, mesmo que o adulto que fala coloque a criança sob sua dependência, pensa-se que o *eu* é sempre a criança, já que ela é tomada como ponto de referência nas enunciações.

Para a transcrição dos dados apresentados a seguir, nos baseamos nas regras de transcrição de Diedrich (2015). Segundo a autora, “a transcrição por nós usada precisa dar conta de, por meio do registro escrito, marcar as manifestações dos arranjos vocais, tarefa que envolve a passagem do oral para o escrito.” (DIEDRICH, 2015, p. 84). Assim, nesta pesquisa, para tons ascendentes utilizamos letras maiúsculas, para entonação de interrogação usamos ponto de interrogação, em entonação de exclamação usa-se ponto de exclamação, em alongamentos utilizamos a repetição da letra representativa do som alongado; e, ainda, quando há comentários contextualizadores são feitos comentários descritivos do pesquisador, sobre acontecimentos que não se revelam na enunciação.

Apresentam-se a seguir os recortes enunciativos que serão analisados e comentados:

Recorte 1

→ Participantes: G e Pesquisadora

→ Idade da criança: 3 anos 8 meses e 16 dias

→ Situação: G procura uma bolinha com a ajuda da pesquisadora

- G:** eu vo pegá uma bolinhaa.
- Pesq:** no chão?
- G:** pa joga tênis.
- Pesq:** no chão?
- G:** uhum.
- Com:** G se levanta da cadeira e vai até a sala dos brinquedos.
- Pesq:** onde ela tá?
- G:** VEM ... vem vê... vem acha uma bolinha pa mim
- Com:** tia Lê vai até G
- Pesq:** onde será que tá essa bolinha?
- G:** (incompreensível)... eu tinha uma bolinha vermelha!!
- Pesq:** vermelha?
- G:** igual a cor do Mcqueen
- Pesq:** vamo vê ...será que ela não tá aqui dentro ... dessa caixa?
- Com:** G olha para a caixa.
- G:** aqui dento não tá.

Percebemos no dado enunciativo a relação *eu-tu*, essa acentuação da relação discursiva com o parceiro, já citada anteriormente, ela determina a estrutura do quadro figurativo da enunciação, o diálogo. O menino G e a pesquisadora vão alternando as funções na comunicação, o que os caracteriza como parceiros e protagonistas na situação de enunciação, assim já ressaltando também a relação de intersubjetividade entre o *eu-tu*, percebida quando a criança fala e espera a pergunta da pesquisadora para continuar a sua enunciação, a criança convoca o adulto para enunciar com ela. Quando a pesquisadora vai fazendo as perguntas para G, ele passa a enunciar, falando sobre sua bolinha. Quando ela pergunta: “vermelha? ele responde: “igual a cor do Mcqueen”. Somente quando ela faz essas perguntas, ele completa a sua fala.

Percebe-se que G adora o desenho dos carros Relâmpago McQueen, esse vocabulário que ele usa faz parte do seu universo cultural, uma vez que ela evoca a questão de a bolinha ter a mesma cor do McQueen, atualizando, na relação com o adulto no *aqui-agora* da nova enunciação, formas e sentidos já dados em sua cultura.

Percebemos também, no dado enunciativo, a relação de subjetividade, que acontece via formas que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar. Quando G enuncia sua posição de locutor, quando se marca no discurso via categoria de pessoa, se propõe como sujeito, como se vê em: “Eu vo pegá uma bolinha”, ele está se propondo como sujeito na enunciação, mobilizando a categoria de pessoa *eu* na relação com o *tu*.

No recorte enunciativo, percebemos o ato de enunciação realizado pelo dispositivo trinitário (*eu-tu/ele*) -*ELE*, que comporta o (*eu*) que é a criança, (*tu*) que é o outro de seu convívio, (*ele*) a língua na qual se instaura e (*ELE*) a cultura em que está imersa. É importante entender aqui o papel do (*ele*), na relação com o poder simbólico da língua. É esse poder que permite à criança estabelecer relações de sentido a partir de formas da língua sempre re-novadas. Já o *ELE*, que diz respeito à instância da cultura, atua o tempo todo na relação enunciativa, uma vez que se imprime nas formas e sentidos da língua, tanto no sistema, como no emprego particular. Vemos que se o adulto não conhecesse bem a criança, e não estivesse inserido nessa mesma cultura, não entenderia a referência feita aos personagens de Carros. Há, portanto, um elo que une criança e o outro da enunciação, o qual, em grande parte, é dependente da cultura que se imprime na língua em emprego.

Na sequência, voltamo-nos para o Recorte 2.

Recorte 2

- Participantes: G, pai, mãe e a pesquisadora
- Idade da criança: 5 anos 10 meses e 23 dias
- Situação: Todos estão na sala conversando descontraidamente, enquanto G está recortando e colando, então o pai sem querer fala um palavrão.

Pesq: o Alex tá penando lá com osss....

Pai: puta.. ele começou agora?

- Pesq:** já tem um mês... tem um mês.. é.. começou agora....
- G:** papai! dá pra parar de fala puta porque é feio?
- Pai:** desculpa Gustavo!
- Comentário:** todos riem silenciosamente para que G não perceba.
- Mãe:** isso mesmo filho, não pode.
- Pesq:** tomeeee!!!
- Pai:** feiura!
- Comentário:** risos...
- Pesq:** e agora o que você vai fazer com seu pai que ele fez feiura? você vai pôr ele no cantinho do pensamento? Eu acho que você tem que por seu pai no cantinho do pensamento Gu.
- Mãe:** (fala incompreensível)... eu acho também.
- comentário:** todos riem.
- G:** não tem nada, ele é meu pai e eu que fico no cantinho do pensamento
- não ele!
- Pesq:** é? ele não pode ficar no cantinho do pensamento?
- G:** uhum.... (negação)
- Pai:** mas eu fiz feiura!
- Pesq:** ele fez feiura...
- G:** ele é adulto, adulto não fica no pensamento!
- Pesq:** mas e aí, adulto pode fazer feiura?
- G:** só adulto criança não pode.
- Pesq:** não pode nãããããoo! Adulto não pode fazer feiura não.
- Mãe:** ninguém pode fazer feiura!
- G:** só adulto né mamãe?
- Mãe:** não! (fala incompreensível) faz de sem vergonha que é, mas não deve.

Primeiramente, percebemos uma grande diferença na estrutura e características da enunciação de G, antes quando tinha 3 anos de idade e agora já

com 5. Antes o menino falava muito pouco, muito mais respondia à convocação do adulto do que tomava a iniciativa do ato. Agora, já com 5 anos de idade, percebemos a evolução de G, uma criança bem mais falante, ele argumenta a todo momento com seus pais e com a pesquisadora, sobre a palavra em questão que é considerada uma feiura, como no trecho que G diz: “ele é adulto, adulto não fica no pensamento!”, é ele também quem passa a convocar o adulto, isso tudo evidencia a relação de subjetividade por parte da criança, pois está se propondo como sujeito da enunciação, por exemplo quando diz: “papai, dá pra parar de falar puta porque é feio?” A forma em questão não foi direcionada diretamente à criança, era uma conversa entre o pai, a mãe e a pesquisadora, mas G estava escutando. E passa a participar do ato enunciativo evocando uma vivência anterior na língua, marcada pela prescrição cultural dos pais, os quais lhe ensinaram que ele não poderia falar aquilo, porque era considerado “feiura” prescrição, obviamente, não nasceu com a criança, mas surgiu na relação enunciativa com o adulto, seus pais e já se imprime no modo como ele mobiliza o vocabulário. Isso nos lembra o conceito de cultura como interdição, como explica Benveniste (1976):

Chamo cultura ao meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização. Consiste numa multidão de noções e de prescrições, e também em interdições específicas, o que uma cultura proíbe a caracteriza ao menos tanto quanto aquilo que prescreve (BENVENISTE, 1976, p. 31-32).

A cultura funciona como uma interdição, interdição essa demonstrada por G, quando ele pede para o pai não falar a palavra. G pode até não saber qual é o real significado dessa palavra, mas está no esquema cultural vivenciado por ele a ideia de que essa palavra não se pode pronunciar, porque é muito feio, elemento cultural, portanto, derivada da sua relação com o adulto, como diz Diedrich (2015, p. 470) “ a criança tem seu dizer interditado por elementos culturais manifestados em sua vivência social”, quando o pai diz para G: “ feiura!” percebemos outra marca da cultura deles, para eles falar uma palavra que não pode ser dita é considerada "feiura", sendo também uma forma de interdição. Então G passa a atualizar essa forma a cada instância enunciativa e, portanto, social, na qual, em seu julgamento, ela se aplica.

Esse é o resultado da interação entre criança-adulto, a criança passa a adquirir na sua linguagem marcas da sua cultura e do meio que está inserida. Outra criança que vive em outro meio social, interage com outras pessoas culturalmente, pode ter outras vivências pois nenhuma criança é igual a outra, tudo depende da cultura, das relações, da historicidade da linguagem da criança, constituída nas relações enunciativas.

5. Considerações finais

Então, de que forma se dá o *diálogo criança-adulto e a relação língua-cultura no fenômeno de aquisição da linguagem*? Primeiramente percebemos que a interação social da criança com o adulto é de extrema importância para a aquisição da linguagem da criança, pois leva-se sempre em conta a cultura e o meio que a criança está inserida. A teorização e a análise dos dados nos levam a perceber que a aquisição da linguagem da criança acontece a partir da relação social com o adulto mais próximo do seu convívio, na maioria dos casos essas pessoas são o pai e a mãe, e essa relação é essencial para que a criança enuncie. Nessa relação, o adulto representa a cultura, o mundo da língua no qual se imprimem os valores culturais, é o adulto que já tem o domínio dessa língua, e com o auxílio dele a criança vai se apropriando desses valores culturais em sua experiência de aquisição da linguagem, esse mundo cultural da criança vai se renovando a cada ato enunciativo em que a criança atualiza essas formas e sentidos da língua no discurso, em novas relações com o outro, com o adulto.

Na aquisição, o surgimento e o emprego das formas pessoais na fala da criança é elemento importante nas mudanças de sua relação com a língua e o processo de constituição subjetiva que está passando. A relação essencial, existente entre a aquisição de linguagem e o processo de constituição do sujeito, é revelada no ato de conversão da língua em discurso, e, neste ato, a cultura se imprime no que é mobilizado na enunciação, de forma sempre renovada na *história de enunciações da criança* (cfe. Silva, 2007, 2009), constituída na relação com o outro, na cultura particular de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. São Paulo: Ed Nacional, Ed da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DEL RÉ, Alessandra, HILÁRIO, Rosângela Nogarini, RODRIGUES, Rubens Antonio. **O corpus NALíngua e as tecnologias de apoio: A CONSTITUIÇÃO DE UM BANCO DE DADOS DE FALA DE CRIANÇAS NO BRASIL**. v. 13, n. 2 ARTEFACTUM Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, 2016.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **Aquisição da linguagem: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.

DIEDRICH, Marlete Sandra. **A criança e sua relação com a interdição: a mobilização de arranjos discursivos particulares**. v. 14 n. 3 Dossiê Leituras de Émile Benveniste, Desenredo Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo 14(3), 469-479, 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, Feevale, 2013.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10407>. Acesso em: 05/08/2021.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

Recebido em: 23/03/2023.

Aprovado em: 30/03/2023.